SEMPRE PRONTO

2026



escoteiros
DE PORTUGAL



FICHA TÉCNICA
Sempre Pronto
Proprietário: Associação dos Escoteiros de Portugal
Sede: Travessa das Galeotas n.º 1, 1300-264 Lisboa
Diretor: Ana Proença
Autor: Associação dos Escoteiros de Portugal
Redação: Eliana Fernandes
Editor: Associação dos Escoteiros de Portugal
Impressão: Jotagrafe
Data: maio de 2026

Editorial

SEMPRE PRONTO 2026

Há anos que se distinguem não apenas pelo que acontece, mas pela forma como nos fazem sentir parte de algo maior. Este foi um desses anos.

Vivemos um tempo cheio de atividades, conquistas e momentos que ficarão na memória da nossa Associação. Vivemos mais uma edição do JOTA-JOTI, onde nos voltámos a ligar ao mundo inteiro. Na atividade nacional Passo a Passo, juntos, deixámos uma marca concreta nas nossas praias – sinais claros de uma Associação presente, ativa e comprometida.

A 11.ª edição ininterrupta do Fórum Clã trouxe-nos a força e a autenticidade de uma atividade pensada, construída e vivida por jovens, para jovens – um verdadeiro reflexo da vitalidade do nosso Movimento.

O Moot 2025 em Portugal foi muito mais do que um grande evento internacional: foi uma celebração do escotismo, da partilha e da fraternidade que nos une além-fronteiras. Integrando a Federação Escotista de Portugal, tivemos a oportunidade de receber no nosso país cerca de 7 500 jovens de todo o mundo, comprometidos com o futuro.

Houve também motivos de orgulho que nos projetam para além da nossa Associação. A eleição do José Pamplona como Vice-Presidente do Comité Europeu é o reconhecimento do valor que o escotismo Português pode acrescentar na Europa. O lançamento da moeda «Sempre Alerta – Sempre Pronto», em conjunto com o Corpo Nacional de Escutas, recorda-nos quem somos e de onde vimos, assim como a história que construímos diariamente.

Ao longo deste ano, prosseguiu também, de forma consistente e dedicada, o trabalho de elaboração de ferramentas para a implementação do novo Programa para Jovens, pensadas para apoiar os dirigentes e enriquecer a experiência educativa de cada um.

Ao longo deste percurso, não perdemos a oportunidade de renovar a nossa essência, mostrando com entusiasmo a disponibilidade para servir nos momentos mais desafiantes, próximos das comunidades e prontos a agir, no apoio às populações afetadas pelas tempestades do último inverno em Portugal.

Realizámos a 1.ª edição das Jornadas de Radioescotismo, onde tradição e inovação caminham lado a lado, voltando a afirmar aquilo que nos define e unindo várias gerações.

Este foi também o tempo de apresentar a nova marca comunicação dos Escoteiros de Portugal. Mais do que uma imagem, é uma afirmação de identidade: preservar o legado construído ao longo de décadas e continuar relevante no presente, com confiança no caminho que temos pela frente.

Cada uma destas conquistas tem um rosto. Tem o empenho de dirigentes, a energia dos jovens, o compromisso dos Grupos, Regiões e Órgãos Nacionais da AEP. É essa soma de sonhos e perseverança que dá sentido ao que fazemos e força ao que somos.

O escotismo constrói-se assim – passo a passo, geração após geração, com a certeza de que cada contributo deixa marca e abre caminho ao seguinte. E é nessa continuidade que encontramos a nossa maior riqueza.

Ana Proença

Moot 2025

QUANDO O MUNDO SE ENCONTROU EM PORTUGAL



Entre 25 de julho e 3 de agosto, Portugal recebeu pela primeira vez o World Scout Moot, uma atividade mundial de caminheiros. Cerca de 7 500 jovens de 115 países chegaram com mochilas às costas, línguas diferentes, histórias e tradições para partilhar.

Resultado da candidatura da Federação Escotista de Portugal (Associação dos Escoteiros de Portugal e Corpo Nacional de Escutas), eleita na Conferência Mundial em 2021, o Moot em Portugal assumiu um significado especial. Foi um reconhecimento da capacidade do escotismo português para organizar um evento desta dimensão, mas também uma oportunidade única de mostrar o país ao mundo.

Para quem esteve na organização, foi um verdadeiro desafio e uma conquista. A preparação começou anos antes e envolveu centenas de voluntários.

«Coordenar milhares de participantes, equipas internacionais, parceiros e voluntários exige uma organização muito estruturada. Também foi necessário garantir que todos os aspetos, desde a logística ao programa educativo, estivessem alinhados com os objetivos do escotismo e com a experiência que queríamos proporcionar aos participantes.», explicou Sérgio Marçal, dirigente da *Management Team*.

Organizar um evento desta dimensão não é simples. A logística é complexa e os desafios são constantes: mobilidade de participantes, gestão de riscos, coordenação entre equipas e adaptação a contextos internacionais.

Mas também foi um enorme laboratório de aprendizagem, lembrou Raül Molina, membro da Organização Mundial do Movimento Escotista (WOSM). A utilização de ferramentas digitais, a criação de estruturas de decisão claras e a capacidade de adaptação contínua foram fundamentais para o sucesso do evento.

Mais do que resolver problemas, tratou-se de transformar complexidade em inovação. Nas palavras de Sérgio Marçal, «o desafio era entregar uma atividade no tempo certo, por completo e dentro do orçamento».

E assim foi. Com poucas horas de sono, muito trabalho e um enorme espírito de equipa, a organização conseguiu entregar um evento que deixou marca.

Um país inteiro como cenário

Esta edição deu forma ao que Raül Molina descreveu como uma verdadeira «fraternidade internacional vivida no terreno», ao combinar de forma única a dimensão global do evento com experiências profundamente locais. Foi assim que o Moot percorreu o país através de 120 rotas, que desenharam um verdadeiro mapa escotista de norte a sul, passando por cidades como Guarda, Viseu, Viana do Castelo, Setúbal, Lisboa, Évora, Beja e alcançando também as ilhas da Madeira e do Arquipélago dos Açores.

Este envolvimento dos jovens com as comunidades locais foi apontado por Raül Molina como um dos grandes pontos fortes da organização, o que permitiu criar experiências reais, enraizadas na cultura e no quotidiano de Portugal.





Juntos, o mundo pula e avança

A experiência foi vivida de forma intensa e profundamente pessoal por quem participou. No caso de Melissa Contador, dirigente do Grupo 40 de Palmela, esta foi a primeira participação num Moot e uma experiência inesquecível:

«Mesmo com línguas e culturas diferentes, rapidamente se cria um verdadeiro sentimento de comunidade. No fundo, acabamos todos por perceber que, apesar de virmos de lugares diferentes do mundo, partilhamos os mesmos valores dentro do escotismo.»

Embora se notassem diferenças nos horários ou nos hábitos alimentares, foram precisamente essas diferenças que enriqueceram a experiência e fizeram com que até as conversas mais simples do dia a dia criassem ligações genuínas.

Se há algo que todos destacam, são as pessoas.

Ao longo da atividade, milhares de jovens conviveram, trabalharam em conjunto e criaram ligações que além-fronteiras.

Para Melissa, foi também um momento de descoberta pessoal. Estar num ambiente internacional aumenta horizontes, amplia perspetivas e faz-nos questionar sobre nós próprios, os outros e a forma como vemos o mundo.

O resultado? Uma mente mais aberta, uma maior consciência da diversidade e uma motivação renovada para continuar o percurso no escotismo.

O legado

Além da dimensão humana, o Moot é também uma forte plataforma de desenvolvimento de liderança. Ao longo do evento, os participantes foram desafiados a tomar decisões e a resolver problemas trabalhando em equipas internacionais. E essa aprendizagem não termina no fim da atividade. «Muitos regressam aos seus países inspirados para assumir maiores responsabilidades no escotismo e na sociedade», sublinhou Raül Molina.

Mais do que um evento, o Moot é um espaço de crescimento e o impacto vai além das atividades. Como destacou Raül Molina, os jovens chegam como representantes dos seus países, mas partem como verdadeiros cidadãos do mundo. Criam amizades duradouras, desenvolvem competências de liderança e ganham uma nova perspetiva sobre diversidade, cooperação e inclusão.

Como primeiro grande evento após a aprovação da nova estratégia de eventos da WOSM, o Moot 2025 contribuiu diretamente para a evolução da forma como são desenhados e organizados os encontros globais do Movimento.





Para o escotismo português, fica um legado de experiência, competências e reconhecimento internacional. Para o movimento global, reforça-se uma rede de jovens líderes preparados para o futuro.

E, para quem participou, ficam histórias, aprendizagens e amizades que continuam muito para além destes dias.

«Levem o Moot convosco», foi o desafio deixado por Raül Molina. Porque aquilo que ali se viveu não termina ali.

No final, todos voltaram para casa a tirar o pó das botas, como gracejou Sérgio Marçal, mas com um sorriso no rosto e a certeza de que todos fazem parte de um movimento verdadeiramente global.

Primeiras Jornadas de Radioescotismo na AEP

DESCOBRIR, APRENDER E PARTILHAR: O POTENCIAL DO RADIOESCOTISMO

Nos dias 7 e 8 de março, o Centro de Atividades Escotistas de Paiço (CAEP), em Lavra, em Matosinhos, recebeu a primeira edição das Jornadas de Radioescotismo da AEP. Durante um fim de semana, 12 dirigentes de diferentes Grupos da AEP e da Fraternal reuniram-se para partilhar experiências, refletir sobre o papel do radioescotismo no Movimento e explorar o seu potencial educativo.

A iniciativa nasceu da vontade de criar um espaço de encontro e aprendizagem que, nas palavras de José Araújo, um dos dirigentes responsáveis pelo evento, motivasse para uma maior participação no JOTA-JOTI. «Procuramos mostrar que esta atividade anual pode ser mais aproveitada, que não são necessários grandes recursos, e ainda partilhar boas práticas que podem facilmente ser replicadas em todos os Grupos da AEP».

A escolha do Centro de Atividades Escotistas de Paiço (CAEP) para acolher a atividade não foi por acaso, uma vez que o espaço já dispunha de antenas de radioamador instaladas o que facilitaria a logística de organização.

Ainda assim, um dos objetivos das Jornadas foi precisamente mostrar que não são necessários grandes meios para pôr uma estação de rádio a funcionar. A prova disso foi uma demonstração prática que ajudou a desfazer alguns mitos. «Com meia dúzia de tostões e algum engenho é possível construir antenas simples que funcionam muito bem», explicou José Araújo, recordando um contacto que os participantes fizeram com a Guiné-Bissau usando apenas uma pequena antena de fio que cabe na bolsa de uma mochila.

Durante a atividade, os participantes tiveram a oportunidade de assistir a apresentações, discutir a realidade do radioescotismo na AEP e experimentar diferentes equipamentos e técnicas de comunicação rádio.

Nestas jornadas ficou também claro que o radioescotismo não tem de se limitar a um fim de semana, podendo estar presente em muitas outras atividades ao longo do ano. Jogos de pista ou de «caça à raposa» com *walkie-talkies* são apenas algumas das possibilidades.

Desta forma, surgiram ideias concretas para desenvolver atividades de rádio nos Grupos, reforçando a importância de os apoiar mais na preparação destas iniciativas. Afinal, como sublinha Nuno Castanheira, da Chefia Nacional, dirigente responsável pela atividade, o radioescotismo continua a ter um papel relevante no escotismo e a despertar curiosidade entre os jovens porque «combina tecnologia, aventura e comunicação global».





Tal como outras técnicas escotistas, também esta convida a uma experimentação mais direta e à prova de apagões, tal como explicou José Araújo: «Do mesmo modo que continuamos a ensinar a fazer pão ou sopa à fogueira quando em casa temos a *Bimby*, proporcionar aos jovens a oportunidade de estar em direto a trocar experiências com escoteiros no Japão ou no Brasil somente com a ajuda de um fio pendurado numa árvore… isso é escotismo».

Na vertente *online*, partilharam-se também experiências que mostram como o JOTA-JOTI pode ir além de uma simples conversa, tornando-se um espaço de aprendizagem sobre o escotismo, outras culturas e segurança digital.

O balanço final foi positivo e deixou perspetivas para o futuro. Nas palavras de Nuno Castanheira, «estas jornadas mostraram que existe interesse e motivação para desenvolver esta área».

A organização pretende agora partilhar com toda a Associação um documento com recomendações e boas práticas, de forma a apoiar os grupos na preparação de atividades de rádio.

Se depender do entusiasmo vivido neste encontro, estas jornadas poderão ser apenas o primeiro passo de muitos.

Porque, às vezes, basta um rádio, alguma curiosidade e um fio estendido entre duas árvores para mostrar como a comunicação se pode tornar uma poderosa ferramenta de aprendizagem no escotismo.

José Pamplona é o novo Vice--Presidente da Região Europeia

«CONSTRUIR PONTES SERÁ UMA DAS MARCAS DESTE MANDATO»

O escotismo português e a Associação dos Escoteiros de Portugal celebram um marco histórico. Pela primeira vez, um representante da AEP foi eleito Vice-Presidente da Região Europeia, assumindo um papel de liderança que promete reforçar a voz de Portugal no contexto europeu.

Emocionado e grato, José Pamplona é o novo Vice-Presidente e descreve a eleição, que aconteceu em julho de 2025, como um «momento muito marcante, não apenas pelo significado pessoal, mas também pelo reconhecimento do percurso que fiz no escotismo, em Portugal e a nível internacional.» Para ele, esta nomeação é uma renovação do compromisso com o Movimento escotista e uma oportunidade de continuar a servir numa dimensão mais alargada.



© World Scout Bureau Inc. / Flóki Hansteen

A vontade de contribuir para a construção de pontes entre organizações, reforçar o papel educativo do Movimento e participar na definição da nova estratégia trouxe-o até este momento. Um caminho iniciado muitos anos antes e construído ao longo de experiências em contextos nacionais, europeus e mundiais, que lhe permitiram conhecer profundamente os desafios e as oportunidades do escotismo europeu.

O percurso até à eleição não foi fácil, mas destacou-se pelo entusiasmo e pela colaboração de uma equipa de campanha composta por mais de dez nacionalidades. Apesar da exigência da tarefa, «foi a campanha mais divertida em que participei», partilhou José, reconhecendo o apoio incansável da equipa portuguesa – composta por Raquel Abreu, Carolina Custódio, Inês Príncipe, Francisco Martins e Mário Correia –, e, em especial, de Joaquim Freitas, coordenador da campanha.

Para José Pamplona, a eleição significa simultaneamente orgulho pessoal e reconhecimento do trabalho do escotismo português. «Esta eleição representa um sinal de confiança das organizações escotistas da Região, bem como do escotismo português», afirma.

A experiência, o conhecimento do Movimento e a capacidade de diálogo foram determinantes para o sucesso da candidatura. «Participei em mais de cem reuniões com as quarenta e sete organizações escotistas, aprendi imenso sobre a vastidão de realidades.» E acrescenta que a sua preocupação em construir relações de confiança e ouvir diferentes perspetivas foi fundamental.

Durante os três anos de mandato, os desafios serão variados. Num contexto em constante mudança, é essencial que o escotismo se adapte à realidade e acompanhe os jovens, mantendo-se relevante e promovendo a sua participação ativa nos processos de decisão. José destaca ainda a importância de reduzir as desigualdades entre organizações, a nível da capacidade e dos recursos, bem como de responder aos contextos de polarização e incerteza que marcam muitos países europeus.

Perante desafios atuais e futuros, surgem naturalmente algumas prioridades para o novo Vice-Presidente: reforçar a relevância educativa do escotismo, garantindo um programa atual, significativo e transformador; promover a cooperação entre organizações, partilha de boas práticas e sentido de pertença regional; e apoiar a construção da nova estratégia para o escotismo.

José volta a destacar a escuta, o diálogo e a colaboração como ferramentas essenciais. «Será importante promover espaços de encontro, reforçar redes de partilha, incentivar projetos conjuntos e aproximar organizações com contextos diferentes, mas desafios semelhantes.»

Mais do que uma conquista individual, José vê esta eleição como o resultado de um esforço coletivo e aproveita para lançar uma mensagem aos jovens:

«Esta eleição não é apenas minha – é também o resultado do caminho que muitos escoteiros portugueses têm ajudado a construir. Espero que este momento seja vivido como um sinal de que vale a pena acreditar, participar e contribuir para o Movimento, em Portugal e além-fronteiras.»



© World Scout Bureau Inc. / Flóki Hansteen

Uma moeda, um Movimento, um legado

UMA HISTÓRIA QUE AGORA CIRCULA DE MÃO EM MÃO



O escotismo português passou a andar literalmente nas mãos de milhões de pessoas. Lançada em junho de 2025, a moeda de 2 euros comemorativa «Sempre Alerta. Sempre Pronto» celebra o percurso e os valores de um Movimento que, há mais de um século, participa ativamente na educação de jovens em Portugal.

No ano em que o país recebeu, pela primeira vez, a edição do World Scout Moot, a ideia desta emissão surgiu precisamente desse reconhecimento. Como explica José Pamplona, Vice-Presidente da Região Europeia, trata-se de «assinalar esse contributo de forma simbólica e duradoura, integrando o movimento escotista no património cultural e histórico representado pelas moedas nacionais».

O processo envolveu a colaboração entre a Imprensa Nacional-Casa da Moeda e as duas maiores associações nacionais do Movimento criado por Baden Powell, a Associação dos Escoteiros de Portugal e o Corpo Nacional de Escutas.

Mais do que um objeto simbólico, trata-se de uma moeda corrente, com o mesmo valor e validade das moedas de 2 euros. A diferença está na face nacional, dedicada ao escotismo e ao seu impacto na sociedade.

Apesar do espaço limitado numa moeda, os elementos representados tinham de transmitir a verdadeira essência do Movimento: cidadania, responsabilidade e serviço. Desta forma, encontramos na face o símbolo universal do escotismo, a flor-de-lis, acompanhado pelos lemas que refletem a atitude dos Escoteiros: «Sempre Alerta» e «Sempre Pronto».

Com uma emissão de 500 mil unidades destinadas à circulação, a moeda irá passar de mão em mão por toda a zona euro, marcando presença em milhares de transações diárias. Uma forma simples, mas poderosa, de levar o escotismo ao encontro da sociedade e despertar a curiosidade sobre o Movimento.

Paralelamente, foram também lançadas versões especiais para colecionadores, com acabamento brilhante não circulado (BNC) e acabamento especial *proof* (prova numismática), que rapidamente esgotaram na loja oficial da Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Nas palavras de José Pamplona, a reação tem sido muito positiva. Para muitos escoteiros, esta moeda é motivo de orgulho e reconhecimento público. Esse entusiasmo refletiu-se também na sua eleição como moeda preferida de 2025 em Portugal.

Como resultado da emissão desta moeda, foi negociada uma linha de financiamento com a Imprensa Nacional-Casa da Moeda no valor de 7 000 euros, destinada a apoiar o desenvolvimento do Programa para Jovens da AEP. Mais um passo na missão educativa do escotismo.

No fundo, esta moeda conta uma história: a de um Movimento que educa para a cidadania, para o serviço e para a construção de um mundo melhor.



Programa Jovens Líderes: Preparar o futuro da representação da AEP

«O PROGRAMA DEU-ME FERRAMENTAS PARA CONTINUAR A SERVIR A ASSOCIAÇÃO»



Francisco Martins, do Grupo 23 de Queluz, é atualmente Escoteiro-Chefe Adjunto da Chefia Nacional na equipa de Relações Externas da AEP. Em 2024/2025 integrou o Programa de Jovens Líderes, uma experiência que contribuiu para o seu percurso dentro da Associação.

O desafio veio de duas dirigentes do seu Grupo, numa altura em que terminava um mandato numa estrutura federativa estudantil ligada à representação internacional. Já com experiência nesta área, viu no programa uma forma de continuar a contribuir com essas competências, desta vez na Associação que o acompanha desde os sete anos de idade.

Ao longo do programa, os participantes trabalham diferentes áreas de formação. Desenvolvem competências como gestão de projetos, liderança, comunicação e tomada de decisão e ainda aprofundam o conhecimento sobre o papel da AEP a nível nacional e internacional, seus parceiros e organizações. Uma preparação para representar a Associação em diferentes contextos, desde eventos protocolares até reuniões e assembleias de organizações parceiras.

«Gostei muito de perceber que na AEP existe uma preparação real para quem vai representar a Associação», explicou Francisco, destacando a importância das formações dinamizadas por parceiros, que não só enriquecem a qualidade da aprendizagem, como também proporcionam oportunidades para futuras colaborações e parcerias.

O programa permitiu ainda que Francisco fosse aplicando aquilo que ia aprendendo. Um dos momentos mais marcantes foi a participação na Conferência Europeia do Escotismo, em 2025. Ali pôde acompanhar de perto o funcionamento da Organização Mundial do Movimento Escotista e observar a representação da AEP num contexto internacional. Outro momento foi a participação na Direção do Conselho Nacional de Juventude enquanto vogal, uma experiência que lhe permitiu representar a Associação num espaço mais alargado de diálogo e cooperação entre organizações juvenis.

Para Francisco, o maior valor do Programa de Jovens Líderes está na continuidade que permite assegurar entre mandatos e equipas. Ao preparar jovens adultos para assumir responsabilidades em estruturas nacionais, o programa contribui para uma transição mais consistente de conhecimento e experiência.





Para os jovens escoteiros interessados em participar numa futura edição, Francisco deixa um incentivo claro: o programa é uma oportunidade aberta a todos os que tenham curiosidade e vontade de aprender, independentemente da experiência prévia na área. Mais do que conhecimentos específicos, o essencial é a motivação para contribuir para a Associação e para o desenvolvimento do Movimento.

Após concluir o programa, Francisco integrou a equipa de Relações Externas como Escoteiro-Chefe Adjunto na Chefia Nacional dando continuidade ao percurso que vinha a construir. O programa reforçou ainda mais a sua motivação para continuar a servir a AEP e a contribuir para o desenvolvimento do movimento escotista.

JOTA-JOTI 2025

QUANDO AS DISTÂNCIAS SE ENCURTAM E O MUNDO SE TORNA MAIOR





«CQ CQ CQ Jamboree aqui CR6JAM desde a cidade de Lamego» foi a frase que, na noite de 17 de outubro, ecoou nas ondas da rádio para dar início em Portugal ao JOTA-JOTI 2025, a maior atividade mundial de escotismo digital e de rádio.

Miguel Santos, dirigente do Grupo 258 de São João do Campo, foi o responsável pela estação da Federação Escotista de Portugal em Lamego, a CR6JAM. Foi a partir desta estação, que se tornou o verdadeiro «coração» do radio-escotismo em Portugal durante os dois dias da atividade, que se emitiram as mensagens oficiais de abertura e encerramento.

Lamego foi apenas um dos pontos de uma grande rede de estações que se estendeu por todo o país. A participação da AEP no JOTA-JOTI 2025 envolveu centenas de jovens e dirigentes, com grupos de várias regiões de Portugal Continental, Açores e Madeira. Durante o fim de semana, estiveram no ar várias estações, entre elas a CR3AEP na Madeira, a CR2S nos Açores, a CR5EPA em Aveiro, a CR5EPF em Fernão Ferro, a CR5EPG em Guimarães, a CR5ERT em Rio Tinto e a CR5SME em São Miguel das Encostas.

Entre todas, destacaram-se especialmente duas estações pelo número de participantes que reuniram: a CR3AEP, Estação Nacional da AEP na Madeira, e a CR6JAM, em Lamego.

Nuno Castanheira, Chefe Nacional Adjunto, partilhou que, na Madeira, a atividade juntou todos os Grupos da Região e contou ainda com a participação da Associação Guias de Portugal (AGP), criando um momento único de partilha e colaboração. Já em Lamego, a estação tornou-se um ponto de referência, permitindo experiências práticas de rádio e atividades formativas.

No éter da rádio, tudo se pode tornar facilmente um ruído. Daí surgirem desafios diferentes dos da comunicação digital: é preciso comunicar de forma clara e pausada, respeitar as regras e aguardar a vez de falar. Um ambiente que destoa do ritmo acelerado dos dias de hoje, mas que, nas palavras de Miguel Santos, «torna a experiência da rádio mais especial e envolvente para muitos participantes».

Embora os jovens se sintam naturalmente mais à vontade no digital, a rádio destaca-se precisamente pela diferença e acaba por conquistar até os mais tímidos, que não resistem à curiosidade de experimentar.

Sempre que se ouvia um CQ – o chamamento geral que significa «procuro alguém» (*seek you*) – para ligar estações escotistas portuguesas e internacionais, o horizonte de cada participante alargava-se. Ao longo da atividade, os escoteiros portugueses estabeleceram contactos com estações da Europa, América do Norte e do Sul e Ásia, trocando cumprimentos, experiências culturais e testando técnicas de comunicação.

Além do rádio, o JOTA-JOTI vive também na Internet. Plataformas de *chat*, videoconferências e fóruns internacionais permitem que muitos jovens participem na vertente digital da atividade. Jogos colaborativos e desafios *online* ajudaram a reforçar o trabalho em equipa e a criatividade.

Entre o rádio e o digital, a atividade tornou-se um espaço de descoberta onde também se aprendeu morse, o uso do código fonético ou princípios básicos das comunicações.

Nuno Castanheira acredita que, ao promover competências técnicas, trabalho em equipa e cidadania global, atividades como o JOTA-JOTI continuam a entusiasmar quem participa. Além disso, constituem uma peça fundamental para o escotismo moderno, reforçando o espírito internacional do Movimento.

Uma experiência única que vale a pena sintonizar e onde, quem sabe, podemos ser apanhados por uma onda de paixão. Foi assim com Miguel: em 2017 deu os primeiros passos e, desde então, nunca mais largou o radioamadorismo.



Passo a Passo 2025

PASSO A PASSO CONSTRÓI-SE UM FUTURO MAIS SUSTENTÁVEL



Mais de 750 escoteiros, de 13 Grupos espalhados por vários pontos do país, incluindo a ilha da Madeira, participaram em mais uma edição do Passo a Passo.

Integrada nas celebrações do Mês do Mar, e realizada em parceria com a Fundação Oceano Azul, a atividade aconteceu no dia 22 de novembro e desafiou os jovens, mais uma vez, a sair à rua em defesa do ambiente, através da limpeza de praias e zonas ribeirinhas.

Raquel Abreu, Chefe Nacional Adjunta, explicou que as intervenções aconteceram em áreas próximas dos locais onde os Grupos desenvolvem a sua atividade, reforçando o impacto direto nas comunidades locais.

No total, foram recolhidos mais de 200 Kg de resíduos, sobretudo lixo marinho comum em zonas costeiras, como embalagens de plástico, garrafas, tampas e beatas.

Matosinhos foi um dos locais que acolheu a iniciativa, reunindo cerca de 400 participantes, de 7 Grupos da Região, para a limpeza da praia.

A meteorologia protegeu os audazes e fez brilhar o sol ao longo de todo o dia.

«O ambiente foi muito bom, com momentos de quebra-gelo e grande convivência, porque muitos jovens já se conheciam de outras atividades», recordou Márcio Lima, dirigente do Grupo 43 de Leça da Palmeira, que participa praticamente todos os anos com o seu Grupo nesta atividade.

A praia foi dividida em várias secções, distribuídas pelos Grupos, e foi lançado um desafio: ver quem conseguia recolher o maior número de resíduos. No final, o resultado foi visível: 82 Kg de lixo recolhidos apenas nesta praia.

Apesar de, à distância, o areal parecer limpo, o trabalho no terreno revela sempre outra realidade. «Olhar ao longe uma praia e olhar para o areal e achar que está limpo é uma coisa, mas quando estás de cócoras a olhar com atenção para a areia e vês a quantidade de plásticos mais pequenos que lá estão, o impacto nos jovens é muito grande», explicou.

Mesmo sendo uma praia muito frequentada e, por isso, com uma limpeza mais controlada pela Câmara de Matosinhos, o Grupo 43 recolheu milhares de beatas de cigarro, que foi de longe o resíduo mais encontrado, seguido de pequenos fragmentos de plástico.

A presença de centenas de jovens no areal também despertou a curiosidade de quem passava. «Encontrámos muitas pessoas a comentar e a elogiar a nossa ação, ainda por cima porque éramos muitos e todos a trabalhar com sacos do lixo gigantes, luvas e muita alegria», acrescentou.

Coordenar ações em diferentes pontos do país foi um dos principais desafios da organização. Raquel Abreu explicou que, aqui, o papel das Chefias Regionais foi essencial para fazer a ponte com os Grupos e apoiar a organização das iniciativas no terreno.

Num contexto de crescente poluição marinha, iniciativas como o Passo a Passo reforçam a importância de sensibilizar as comunidades para a preservação do ecossistema marinho.

Para Raquel Abreu, esta atividade é também um reflexo claro da missão da AEP: educar os jovens através da ação, incentivando o serviço à comunidade, a responsabilidade ambiental e a cidadania ativa.

«Ao mobilizar centenas de jovens para proteger o oceano e os ecossistemas costeiros, o Passo a Passo traduz, na prática, os valores escotistas de compromisso com o ambiente, liderança e construção de um mundo melhor.»



Mais do que um lenço, ao peito trazemos a esperança

EM FAJÃO OU EM LEIRIA, O IMPACTO DA PRESENÇA DOS ESCOTEIROS EM SITUAÇÕES DE CRISE



Em 2017, depois da tragédia causada pelos incêndios, quando Gonçalo Vaz, juntamente com o seu pai e alguns elementos do Grupo 23 de Queluz chegaram a Fajão já era de noite. A única coisa que viram foram as ténues luzes da aldeia. Mas quando acordaram no dia seguinte e contemplaram a paisagem à sua volta, completamente preta e sem vida, o choque foi muito violento. Depois, ouviram a história daquela noite, contada por aqueles que a viveram.

Nos fins de semana seguintes, sempre que Gonçalo regressava à aldeia para continuar o trabalho de reconstrução, encontrava uma grande massa escotista a ajudar. Os habitantes de Fajão já esperavam com expetativa a chegada dos escoteiros e todos acabaram por criar uma boa relação.

Olhando para trás, Gonçalo, hoje dirigente do Grupo 23 de Queluz, acredita que esta foi das ações mais importantes que fez e que o marcou profundamente.

«Não é todos os dias que se cria uma ligação com uma aldeia e com uma população com quem nunca tínhamos contactado e que, ao fim de algumas semanas, nos reconheciam e nos acolhiam como se fôssemos habitantes também.»



O voluntariado faz parte do percurso de um escoteiro desde o primeiro dia. Em situações de emergência, esse compromisso torna-se ainda mais evidente: a vontade de ajudar fala mais alto e o impacto das ações ganha uma dimensão ainda maior.

Sim, um lenço ao peito abre portas e facilita a identificação, mas é muito mais do que um símbolo. É estar preparado para agir na prática: remover entulho, cortar árvores, transportar materiais. E é também levar uma dimensão profundamente humana: disponibilidade para ouvir, conversar e a sensibilidade necessária para perceber o que realmente vai fazer a diferença para as pessoas.

Não é necessário ter grandes competências ou experiência, porque uma coisa é certa: todos podemos oferecer às pessoas aquilo de que mais precisam - a esperança.

«Uma tarefa que nos marcou a todos foi a reconstrução da cerca de madeira da principal árvore localizada no adro da aldeia. Algo que poderia não ser prioritário, mas que ajudou a trazer alguma normalidade a este local: o adro de Fajão, que se encontra à entrada da aldeia e por onde toda a gente passa diariamente.», contou Gonçalo.

Este ano, em fevereiro, depois das tempestades, foi o mesmo sentido de missão que levou Gonçalo a juntar-se aos voluntários em Leiria. Desta vez, como dirigente, quis levar consigo os jovens do seu Grupo: «... queria, de alguma forma, proporcionar-lhes momentos como os que eu vivi. Momentos de solidariedade, nos quais percebemos o verdadeiro impacto do escotismo.»

Mais uma vez, como em tantas outras ocasiões, foram muitos os escoteiros que estiveram no terreno a ajudar. Foi o caso dos 250 caminheiros que, no dia 13 de fevereiro, no âmbito da atividade nacional Fórum Clã mudaram os planos à última hora e se mobilizaram para apoiar várias zonas do país como Leiria, Pombal e Marinha Grande.

Em circunstâncias como estas, para Gonçalo não há espaço para hesitações: é preciso arregaçar as mangas e ajudar. Uma atitude que faz parte do ADN de um escoteiro e que faz dele um parceiro sempre pronto a apoiar a comunidade e as autarquias.

Porque é quando nos unimos pelo mesmo propósito que o verdadeiro poder do escotismo se revela ao criar-se «uma cadeia de proatividade e serviço que tem um impacto enorme nas comunidades, seja na ajuda prática no terreno, seja na esperança que se gera nas pessoas.»



A Patrulha Raposa está de volta!

ONDE TERMINA A HISTÓRIA E ONDE COMEÇA A FICÇÃO?

Um ano depois, o Igor, a Mi, a Leonor, a Margarida e o David voltam a invadir a imaginação da sua criadora com uma nova aventura.

Depois do sucesso do primeiro livro, a Patrulha Raposa é agora oficialmente uma coleção. Se a primeira aventura vive dos elementos mais tradicionais de um escoteiro – fazer uma fogueira, montar campo, caminhar numa floresta – o ambiente do segundo livro é a cidade.

«Optámos por fazer uma aventura mais citadina porque, apesar do nosso palco ser a natureza, a maior parte dos Grupos existe no meio de cidades e seria uma maneira de também se identificarem com esta aventura», contou Diana Oliveira, a autora do livro e dirigente do Grupo 94 de Lisboa.

Mais do que uma história de aventura, os livros da Patrulha Raposa são também uma forma de dar a conhecer o escotismo e os Escoteiros de Portugal. Através das personagens, das suas atividades e das situações que vivem, os leitores descobrem o espírito de patrulha, os valores e as experiências que fazem parte do dia a dia de um escoteiro.

Patrulha Raposa: Mistério no jogo de cidade é uma aventura com «mais páginas, mais história, mais mistério», mas também tudo aquilo que faz parte da realidade de um escoteiro dos dias de hoje. E que melhor forma de assinalar o lançamento do livro do que com um jogo de cidade?

No dia 21 de fevereiro, nas comemorações do Dia do Fundador, a nova história saiu do papel: mais de 800 elementos de 18 Grupos participaram num jogo em Lisboa com desafios retirados da história.





Houve quem participasse pela primeira vez e quem quisesse voltar para viver mais um capítulo da Patrulha Raposa. Foi o caso da Matilde e da Carolina, da Tribo de Escoteiros do Grupo 48 da Damaia, que acompanham as personagens desde o primeiro livro. Neste jogo de cidade, puderam seguir muitos dos seus passos: «Visitamos alguns pontos que os elementos da patrulha também visitaram, como o mercado, observamos o interior através de uma caixa de correio e até tivemos de imitar estátuas.»

Um dia que misturou ficção e realidade, tal como o livro que o inspirou. «Vou buscar muita coisa aos miúdos, ao que ensinamos, como ensinamos, o que eles nos devolvem. Todas as personagens são escoteiros reais do meu Grupo e eu fui ou sou dirigente deles.»

Foi a viver plenamente o espírito de patrulha que se celebrou o Dia do Fundador e se lançou este livro. Uma história que, nas palavras da Matilde e da Carolina, fala sobre o que é ser escoteiro, e recorda que «o escotismo é muito mais do que usar o lenço ao pescoço num sábado de atividades»: é viver valores como o trabalho em equipa, o equilíbrio entre todos e a interajuda.

Tal como a Matilde e a Carolina, o *Sempre Pronto* já está curioso para descobrir qual será a próxima aventura da Patrulha Raposa. Uma atividade aquática? Um acampamento fora de Portugal? As jovens leitoras já deixaram as suas sugestões. Por agora é esperar para ver até onde esta patrulha nos vai levar.

Nova Marca Comunicação

PREPARADA PARA O DIGITAL E PARA O FUTURO

escoteiros
DE PORTUGAL

A nova Marca Comunicação dos Escoteiros de Portugal já brilha e aponta-nos o norte. Esse é o caminho a seguir.

Viver no mundo de hoje é viver em constante mudança e adaptação. A forma como comunicamos e consumimos já não é a mesma e é preciso saber acompanhar essa transformação.

Hoje, grande parte da comunicação acontece em pequenos ecrãs, nas redes sociais, em ambientes digitais, ou seja, habitamos uma comunidade cada vez mais rápida e visual.

A marca comunicação surgiu pela primeira vez em 2005. Agora, 21 anos depois, a AEP dá um novo passo na evolução da sua identidade.

Se até agora a «pele» servia, comunicando institucionalidade, solidez e continuidade, e posicionando os Escoteiros de Portugal como uma organização credível e reconhecida, as suas limitações de adaptação ao meio digital começaram a ser cada vez mais evidentes. Quando foi desenhada, as redes sociais ainda não tinham o peso que têm hoje e a Associação não estava presente em plataformas como o Facebook ou o Instagram.

Ao mesmo tempo, essa «pele» precisava também de refletir outras dimensões da experiência escotista: a energia jovem, a emoção, a espontaneidade e a aventura, ou seja, a forte dimensão humana que a define.

Crescer não é romper com o passado, é transformar fragilidades em forças. Foi essa a direção escolhida: mudar o suficiente para evoluir, manter o suficiente para continuar reconhecível.

Preservar a estrela associada à flor-de-lis, que continua a ser o elemento central da marca, é manter os pés no caminho certo, tal como recordava Baden-Powell:

«O símbolo do escotismo é a flor-de-lis que aponta para o norte nos mapas e bússolas. É o distintivo do escoteiro porque aponta na direção certa, e para o alto.»



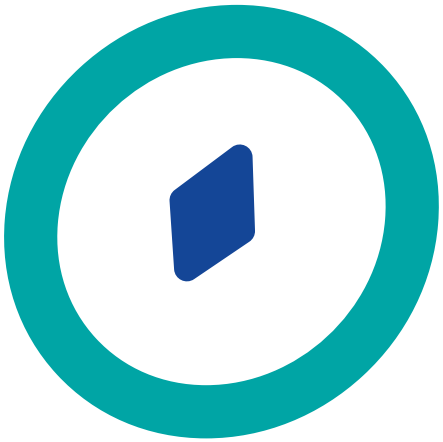
Marca Comunicação

A diferenciação do «O» foi mantida e, no seu interior, um losango assume a forma de agulha de bússola que aponta para a estrela polar. A metáfora está criada: um ponto de referência que acompanha cada jovem escoteiro na descoberta do seu próprio caminho.

Esta construção gráfica introduz mais movimento e dinamismo, refletindo a energia, a ação e o espírito de descoberta que fazem parte da experiência escotista. As cores mantêm-se, mas surgem agora mais claras, luminosas e contemporâneas, permitindo uma melhor leitura em qualquer escala e suporte.

Todo este processo foi desenvolvido pela equipa de Comunicação e Imagem, contando com a consulta de especialistas, sejam eles atuais ou antigos escoteiros ou elementos externos ao movimento.

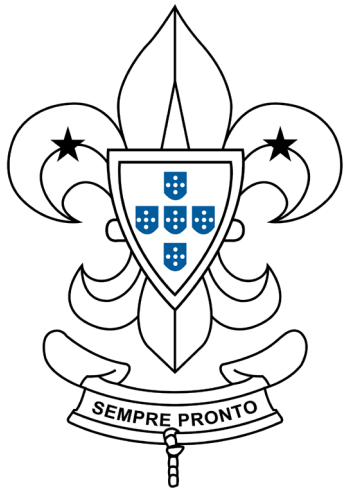
O resultado é uma marca que ganha novos horizontes, transformando-se num sistema visual mais flexível, mais expressivo, mais simples e mais versátil.



Novo formato do «O»



Marca Tradição



Marca Clássica

As Marcas Clássica e Tradição, utilizadas nas bandeiras e nos distintivos, permanecem inalteradas.

Lançada no dia 6 de março deste ano, a nova Marca Comunicação é, acima de tudo, um sinal de orientação. Um ponto de referência que afirma quem são hoje os Escoteiros de Portugal e que os acompanha no caminho que continuam a construir rumo ao futuro.

Fórum Clã 2026

UMA EDIÇÃO MARCADA POR UMA MISSÃO DIFERENTE



As recentes tempestades que atingiram algumas regiões de Portugal obrigaram à reorganização do Fórum Clã 2026, inicialmente planeado exclusivamente para a área metropolitana de Lisboa. No escotismo, como na vida, é preciso reagir e adaptarmo-nos e, quando comunidades inteiras enfrentam a calamidade, o espírito de serviço fala mais alto.

Por essa razão, o Fórum Clã – a atividade nacional anual para caminheiros, que decorreu entre 14 e 16 de fevereiro – viu o seu programa, preparado ao longo de vários meses, ser alterado à última hora. O sábado, inicialmente pensado para atividades como *surf*, arborismo ou tiro com arco, deu lugar a uma missão diferente: 250 caminheiros deslocaram-se até Leiria e Benavente para apoiar as comunidades locais afetadas.

Embora tenha sido uma edição diferenciada, como explicou Carlos Santos, um dos dirigentes coordenadores da atividade e dirigente do Grupo 6 de Olhão, a organização quis manter a tradição e as linhas gerais da atividade.

Com a supressão de um *workshop* e a redução do tempo de alguns momentos, as atividades ficaram quase todas concentradas no domingo.

A equipa organizadora seguiu as sugestões de alguns caminheiros e procurou diversificar e inovar os temas dos *workshops* e grupos de discussão. Assim a manhã foi dedicada a vários *workshops* como Educação Ambiental, Defesa Pessoal, Literacia Financeira, Sexualidade, Língua Gestual Portuguesa, Primeiros Socorros em Atividade, Saúde Mental, Fotografia e Literacia Política.

Durante a tarde, vários grupos de discussão reuniram os participantes para debater temas como Compromisso e Lei, Inclusão e Diversidade no Clã, Participação Política, Integração e Colaboração/Relação com Associações Congéneres.

Seguiu-se um jogo de desafios e o dia terminou com a tradicional Velada, um momento sempre memorável que promove o espírito de união entre todos os Clãs.

Durante a atividade foi ainda introduzido um espaço de debate com os candidatos a representantes para o próximo Fórum Clã, momento que Carlos Santos destacou «pois foi possível haver partilha de ideias e perceber quais seriam os objetivos de cada um para a futura edição do Fórum Clã».

Para Maria Alves, caminheira do Grupo 150 e membro da equipa organizadora, a experiência foi completamente diferente dos anos anteriores. Ao fazer parte da organização, teve a oportunidade de perceber toda a logística que está por trás da atividade, desde «a magia que os dirigentes fazem» até ao trabalho das equipas de alimentação e de segurança.

A mudança de programa foi, sem dúvida, o maior desafio que a organização teve de enfrentar. Ainda assim, nas palavras de Maria Alves, foi também um dos momentos mais marcantes da atividade: no dia de serviço, bastava olhar para os rostos da população para perceber a diferença que aquele gesto fez nas suas vidas.



A atividade terminou com o Plenário, na segunda-feira, onde os caminheiros refletiram e discutiram as propostas e recomendações apresentadas. Um momento de encerramento da atividade que Maria Alves guardou na memória como o verdadeiro sentimento de missão cumprida, após meses de reuniões e planeamento.

Foram três dias de crescimento, partilha e aprendizagem que, como recorda Carlos Santos, não terminam aqui: seguem agora com cada caminheiro de volta ao seu Clã e ao seu Grupo.

Eventos WOSM

ELIMINAR FRONTEIRAS E CONSTRUIR UNIDADE ENTRE ESCOTEIROS DE TODO O MUNDO

A participação da AEP em encontros internacionais promovidos pela WOSM oferece aos jovens oportunidades únicas para sair da zona de conforto, ampliar horizontes e ainda reforçar a unidade e os laços entre escoteiros.

A *Community Actions by Youth, for Peace Education* é uma destas atividades. Inserida no projeto *Voices of Change* e promovida pela Região Europeia e pela ESN (*Erasmus Student Network*) tem no seu centro a educação para a paz e o diálogo, a resolução de conflitos e a educação não-formal para jovens entre os 18 e os 30 anos.

Entre 15 e 19 de outubro de 2025, a AEP esteve presente em Cracóvia, com Rodrigo Martins entre os 30 participantes de 23 países, aprofundando ferramentas para transformar ideias em ações e dar voz a jovens, sobretudo de grupos marginalizados ou afetados por conflitos.





Também no âmbito do projeto *Voices of Change*, a AEP voltou a marcar presença internacional, desta vez na Roménia, entre 11 e 15 de fevereiro. Carolina Bettencourt, do Grupo 2 de Lisboa, participou no *Youth Movements in Times of Political Polarisation*, iniciativa integrada na série *Innovative Thinking Lab*, que reuniu jovens para refletir sobre o papel dos movimentos juvenis em contextos de crescente polarização política.



O segundo laboratório desta série, *Fake News, Digital & Media Literacy*, aconteceu em França entre os dias 26 e 30 de março onde esteve presente João Silva do Grupo 101 de Santa Luzia, do Funchal.

Um tema cada vez mais importante na atualidade que reuniu jovens especialistas de toda a Europa para explorar o papel dos meios digitais na forma como moldam a informação e o pensamento crítico e, dessa forma, dar aos jovens uma verdadeira *voice of change*.

Reestruturação do Esquema de Formação de Dirigentes

DESCOBRE O QUE MUDOU NA ENFIM

Um sistema mais flexível, mais simples e mais adaptado à realidade dos dirigentes. Foram estas as premissas para a reestruturação.

Nas palavras de José Matos, coordenador da Equipa Executiva da Escola de Formação, a alteração prende-se com a forma como cada um dos Esquemas (Esquema para Dirigente de Divisão e Esquema para Responsável de Adultos) é implementado. Na continuidade da última grande revisão, o objetivo foi torná-los ainda mais modulares e ajustados às necessidades atuais.

O que mudou na prática?

Cada um dos Esquemas, dividido em duas etapas, tem uma etapa comum, a Etapa Informativa, que se mantém como uma etapa comum e obrigatória para a nomeação de dirigente. Já na segunda etapa foi introduzido o sistema modular, passando a organizar-se em três blocos distintos: Bloco de Técnicas Úteis, Bloco Comum e Bloco Específico. Cada um destes blocos tem a duração de um fim de semana, permitindo uma formação mais flexível e adaptada à disponibilidade dos dirigentes.

O Bloco Específico da Etapa de Dirigente de Divisão está dividido de acordo com as divisões respetivas: Alcateia, Tribo de Escoteiros, Tribo de Exploradores e Clã. O Bloco Específico da Etapa de Responsável de Adultos continua também organizado em dois níveis diferentes: Local, destinado à Chefia de Grupo, e Regional/Nacional, dirigido aos dirigentes que se encontram nas Chefias Regionais e Nacional. Outra alteração prende-se com a atualização dos conteúdos e competências dos módulos que compõem os Esquemas de Formação, revistos face à atualização feita há cinco anos.

A reestruturação do Esquema de Formação traz várias vantagens. Os cursos passam a decorrer apenas ao fim de semana, deixando de exigir blocos de três dias consecutivos, e os diferentes módulos deixam de ser obrigatoriamente realizados no mesmo ano. Este modelo permite também uma maior descentralização geográfica, possibilitando que muitos módulos ocorram mais perto dos locais onde os dirigentes vivem, ao mesmo tempo que oferece mais datas alternativas para frequência. Além disso, a existência de um tronco comum mais amplo facilita a adaptação a mudanças de cargo: quem já tiver realizado um Esquema de Formação apenas terá de frequentar o Bloco Específico do seu novo cargo, correspondente a um fim de semana de curso e ao respetivo estágio.

As alterações já estão a ser implementadas e Edite Monteiro, formadora há 36 anos na ENFIM, revela que as expectativas são elevadas. Ainda assim, será necessário pelo menos um ano para avaliar o seu verdadeiro impacto e perceber de que forma estas mudanças se refletem no trabalho que os dirigentes desenvolvem nos Grupos.

Todo este trabalho de adaptação desenvolvido pela ENFIM tem como principal objetivo facilitar o acesso dos dirigentes à formação específica. Mais do que uma obrigação, a formação é vista como uma base essencial para o crescimento de cada dirigente. É também um espaço de partilha de experiências, aprendizagem e amizade entre dirigentes que enfrentam desafios semelhantes.

«Um dirigente bem preparado tem a confiança necessária para permitir que os jovens aprendam a partir das suas experiências e, naturalmente, também dos seus próprios erros, com os desafios adequados», explica José Matos que nos deixa também o convite: «Esperamos, e eu espero, ver-vos nas próximas ações de formação!»



+1% de trabalho em equipa!



De 1 de abril a 30 de junho, pode **consignar** 1% do IRS à AEP no momento da **entrega** da sua declaração.

Quadro 11 **CONSIGNAÇÃO DE 1% DO IRS**
CONSIGNAÇÃO DO BENEFÍCIO DE 15% DO IVA SUPORTADO

Campo 1103 Instituições culturais com estatuto de utilidade pública (art.º 152º do CIRS)

500 989 109